

ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: AS TECNOLOGIAS COMO RECURSO À PRÁTICA DOCENTE

Maycon de Oliveira Perovano¹, Walter de Souza Salgado² e Cynthia Christina Santos Rangel³

¹Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais, Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo, mayconperovano@hotmail.com; ² Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais, Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo, professor da prefeitura municipal de Serra-ES; ³ Licenciada em Educação Física pela Faculdades Integradas São Pedro (Faesa Vitória – ES), Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo, professora da prefeitura municipal de Cariacica-ES.

RESUMO – O aumento da utilização das tecnologias chama a atenção de pesquisadores ao desenvolvimento de ferramentas digitais para o uso pedagógico na escola comum. Acredita-se que os gêneros digitais propiciam ações de ensino-aprendizagem, em especial nas práticas de leitura e escrita. Com o intuito de gerar aprendizagens significativas, esse artigo tem como objetivo investigar a presença e os possíveis usos de tecnologia na prática docente do professor alfabetizador. Mobilizamos metodologicamente em: estudo exploratório (GIL, 2002), pesquisa qualitativa (FLICK, 2009) e questionário com um conjunto de questões com características abertas e fechadas (RICHARDSON, 1999). A pesquisa foi realizada em uma escola no município de Vitória/ES, onde acompanhamos seis professoras regentes dos anos iniciais do ensino fundamental. O diálogo com Kenski (2012), Bakhtin (2003), Krame; Leite (1996), e seus interlocutores, contribuiu para a reflexão do planejamento e de ações práticas direcionadas para o uso efetivo e eficiente das tecnologias disponíveis na escola. Este estudo contribuirá não somente à alfabetização, mas servirá de parâmetro a todas as áreas de conhecimento e aos projetos de atividades interdisciplinares. As ferramentas de Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) na escola objetivam não somente a formação dos alunos, mas também a formação crítica e cidadã destes. Nesse ínterim, é notória a necessidade de aperfeiçoamento de professores e o exercício de habilidades, o que contribuirá para um uso proveitoso das ferramentas tecnológicas para o ensino dos conteúdos curriculares. Isso possibilitará tanto aos professores como aos alunos potencializar as práticas de ensinar e aprender.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Conhecimento. Formação e Tecnologia.

ABSTRACT – The increase of the use of the technologies draws the attention of researchers to the development of digital tools for the pedagogical use in the common school. It is believed that digital genres provide teaching-learning actions, especially in reading and writing practices. With the purpose of generating meaningful learning, this article aims to investigate the presence and possible uses of technology in the teaching practice of the literacy teacher. We mobilized methodologically in: exploratory study (GIL, 2002), qualitative research (FLICK, 2009) and a questionnaire with a set of questions with open and closed characteristics (RICHARDSON, 1999). The research was carried out in a school in the city of Vitória / ES, where we followed six teachers from the first years of elementary school. The dialogue with Kenski (2012), Bakhtin (2003), Krame; Leite (1996) and his interlocutors contributed to the reflection of the planning and practical actions aimed at the effective and efficient use of the available technologies in the school. This study will contribute not only to literacy, but will serve as a parameter to all areas of knowledge and to projects of interdisciplinary activities. The tools of Information Technology and Communication (ICT) in the school aim not only at the training of students, but also at the critical and citizen training of the students. In the meantime, the need for improvement of teachers and the exercise of skills is well-known, which will contribute to a profitable use of technological tools for the

teaching of curricular contents. This will enable both teachers and students to enhance teaching and learning practices.

KEYWORDS: Literacy. Knowledge. Training and Technology.

1 INTRODUÇÃO

Pensar a escola na contemporaneidade, é primeiro um esforço para compreender que ela não foi pensada para este espaço tempo. Trabalhar com educação, requer dos profissionais um olhar atento para dentro, procurando compreender cada situação interna, e um olhar externo, atento aos avanços que estão se fazendo e refazendo a cada instante. Um olhar atento no saber/fazer pedagógico.

Com esse olhar atento, percebendo que a sociedade está inserida em um contexto globalizado, ancorada nos avanços tecnológicos, percebemos que as crianças estão assim como os adultos, utilizando cada vez mais cedo tecnologias de ponta. Diante disso, durante nossos encontros de estudos, o tema do uso das tecnologias surgiu, e nos fez meditar enquanto professores, em como elas tem sido absorvida no contexto escolar.

Após alguns momentos, entendemos que precisávamos buscar informações/dados que nos auxiliassem compreensão e no desenvolvimento de nossa prática docente, o que merecia então nossa atenção e maior investimento de pesquisa e investigação. Isto posto, vemos que há uma estreita relação entre a educação e o uso das tecnologias. Acreditamos assim, que seja preciso um sistema educacional que acompanhe o processo de avanço e evolução tecnológico.

Compreendendo que no Brasil, a educação é dividida segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) em educação básica e educação superior; compreendendo ainda que a educação básica, está alicerçada em três etapas sendo: Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais) e Ensino Médio, optamos por trabalhar com os anos iniciais do ensino fundamental. E dessa maneira, entendendo nossa responsabilidade com a ação docente, nos propusemos a pesquisar de modo a entender a prática pedagógica de professores alfabetizadores que contemplam o uso de tecnologias.

A escolha se deu por uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) situada na grande Goiabeiras, no município de Vitória/ES. A escola trabalha com os anos iniciais e finais do ensino fundamental, como também com a Educação de Jovens e adultos no turno noturno. Em nosso primeiro encontro, identificamos que a possuía laboratório de informática, laboratório de ciências, biblioteca, sala de leitura, computadores, internet, tv, dvd, aparelho de som, projetor multimídia (Datashow), câmera fotográfica/filmadora, dentre outros espaços e equipamentos, o que colaboraria para que a pesquisa fosse realizada dentro da temática pensada.

Sabendo então da amplitude de possibilidades envolvendo o tema da tecnologia, e a partir do exposto acima, esse projeto tem como objetivo geral investigar a presença e os possíveis usos de tecnologia na prática docente do professor alfabetizador. Delimitado assim o objetivo geral, temos como objetivos específicos: identificar a percepção dos professores alfabetizadores em relação a tecnologia da educação; compreender as formas de trabalho dos docentes no processo de alfabetização; e analisar como se dá a relação da alfabetização/tecnologia na prática docente e as possíveis interferências na prática pedagógica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Tomamos como ponto de partida as relações estabelecidas pelas tecnologias no contexto social, assim como a sua relação com a alfabetização. Para tanto, Nunes (2012) nos ajuda a compreender nesse sentido que o objetivo não é limitar ou até mesmo reduzir a pesquisa aos modelos já postulados, mas é possibilitar que o leque seja aberto, pensando e repensando as ações, ampliando as possibilidades e produzindo novos sentidos.

2.1 TECNOLOGIA, PODER E CONHECIMENTO

As tecnologias são tão antigas quanto à espécie humana. Na verdade, foi à atividade humana no decorrer dos tempos que deu origem a diferenciadas tecnologias. A racionalidade humana vem garantindo um crescente processo de inovações, que, quando colocados em prática dão origens a tecnologia. E, desde seu surgimento, a tecnologia e seu domínio distinguem os seres humanos na relação de poder, como afirma Kenski (2012, p. 35):

Na Idade da Pedra, os homens – que eram frágeis fisicamente diante dos outros animais e das manifestações da natureza – conseguiram garantir a sobrevivência da espécie e sua supremacia, pela engenhosidade e astúcia com que dominavam o uso de elementos da natureza. A água, o fogo, um pedaço de pau ou o osso de um animal eram utilizados para matar, dominar ou afugentar os animais e outros homens que não tinham os mesmos conhecimentos e habilidades.

Observamos que essas tecnologias foram criadas não só para defesa, mas para ataque e dominação, os homens buscavam cada vez mais ampliar seus domínios e acumular riquezas. E atualmente essa relação não mudou. Vemos grandes potências – países, empresas multinacionais com os mesmos propósitos acima citados.

Podemos destacar que as relações entre conhecimento, poder e tecnologias estão presentes em todas as épocas e em todos os tipos de relações sociais e ampliaram-se na atualidade. E que o homem para acompanhar este desenvolvimento tecnológico deve-se adaptar-se a essas mudanças tecnológicas.

Compreendemos então que vivemos em uma sociedade que se encontra em constante transformação. Cada vez mais surgem novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), e aqueles que não estão preparados para utilizá-las estão fora do mercado de trabalho e excluídos da sociedade.

A linguagem digital, expressa em múltiplas TICs, impõe mudanças radicais nas formas de acesso à informação, à cultura e ao entretenimento. O poder da linguagem digital, baseado no acesso a computadores e todos os seus periféricos (internet, jogos eletrônicos, etc.), com todas as possibilidades de convergência entre as mais variadas aplicações de mídia, influencia cada vez mais a constituição de conhecimento, valores e atitudes. Este também é um desafio para educação, adaptar-se aos avanços das tecnologias e mediar o caminho de todos para o domínio e a apropriação crítica desses novos meios.

Estudos apontam que as tecnologias de informação e comunicação vêm causando impacto significativo no processo de ensino e aprendizagem nas instituições de ensino, e que a utilização dessas tecnologias deve ser adequada à realidade do educando. O acesso às tecnologias vem ganhando espaço nas salas de aula, levando professores e alunos a mergulharem em novos conhecimentos, mais diversificados e em constante atualização.

Para Kenski (2012, p.66) “A escola deve, antes, pautar-se pela intensificação das oportunidades de aprendizagem e autonomia dos alunos em relação à busca de conhecimentos, da definição de seus caminhos, da liberdade para que possam criar oportunidades e serem os sujeitos de sua própria existência.”

Sendo assim a escola a escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas.

2.2 A ALFABETIZAÇÃO E AS TECNOLOGIAS

O emprego da língua se dá através de enunciados, que são unidade da comunicação, é enunciativa e discursiva, e não um código (se contrapondo as ideias da linguística). Caracterizam por serem concretos (tirar a ideia de abstração desvinculada da vida, historicamente situada e preconiza a língua estruturalista) e únicos proferidos por diversos sujeitos. Enunciado é texto (texto oral, escrito, concretos e únicos e é produzido em direção a um interlocutor).

Bakhtin (2003), nos ajuda a compreender essa questão complexa, já que estuda a linguagem na perspectiva da enunciação, isto é, dos usos sociais, ressaltando, então, a natureza social da situação de produção. Onde os sentidos que convivem nas palavras se constroem, dialogam e disputam espaço, instaurando-as como signos ideológicos e tem sua significação determinada pelo contexto em que são produzidos. Bakhtin (2003, p.268) afirma que “Os enunciados [...] são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”.

Portanto a linguagem está inserida na vida das pessoas, na produção humana. Ocorrendo nas relações sociais em diversos campos da atividade humana como no cotidiano/família, empiricamente, quanto no trabalho (jurídico, médico, professor), ciências (diversos campos do conhecimento), literatura, arte e, hoje nas TIC's, conformando o que Bakhtin chamou de dialética interna do signo.

Bakhtin (2003) trabalha outra noção relevante ao trabalho pedagógico que é a noção de gêneros do discurso. Para o autor, todas as esferas da atividade humana estão relacionadas à utilização da língua. Cada esfera da atividade humana elabora tipos relevantes de enunciados, que se constituem em gêneros do discurso. Esses gêneros são de riqueza e variedade infinitas, bem como marcados pela heterogeneidade. Bakhtin define gêneros como sendo a forma, as palavras que o falante e o destinatário escolhem para se comunicarem, onde o falante só terá um enunciado completo quando o destinatário sentir vontade discursiva ou de resposta, e tem o poder de representar formas diversas de comunicação.

Relacionamos essas considerações ao processo de alfabetização onde nas salas de aula convivem muitos signos com múltiplos sentidos e tudo isso deve ser considerado no processo de ensino/aprendizagem. Consideramos que o fenômeno da alfabetização associado a diferentes gêneros do discurso, caracteriza as classes sociais de modos diferentes, já que as classes sociais estão relacionadas com esferas sociais diferentes. Assim a forma de conceber a alfabetização interliga a linguagem escrita e seu contexto sócio-histórico, o que o problematiza, de modo agudo, seu ensino/aprendizagem.

Assim a alfabetização numa perspectiva, onde o aluno não somente deve ser habilitado a decodificar o código escrito, mas deve ser preparado para os usos sociais da leitura e da escrita, pressupõe que os recursos tecnológicos utilizados no processo de alfabetização escolar devam capacitar o aluno para a reflexão sobre o uso do código escrito, não reproduzindo, portanto, as práticas tradicionais de ensino. Por mais que as escolas usem computadores e internet em suas aulas, estas continuam sendo seriadas, finitas no tempo, definidas no espaço restrito das salas de aula, ligadas a uma única disciplina. Professores isolados desenvolvem disciplinas isoladas, sem maiores articulações com temas e assuntos que têm a ver um com o outro, mas que fazem parte de conteúdos de outra disciplina, ministrada por outro professor. E isso é apenas uma pequena parte do problema para a melhoria do processo de ensino.

O professor deve fazer mediações entre o desejo de aprender dos educandos e os caminhos que levem às aprendizagens, conhecimentos que são base do processo e as que tecnologias que vão lhe garantir o acesso a esses conhecimentos, bem como articulações com eles configurarão um processo de interações que defini a qualidade da educação.

2.3 ESCOLA E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

Hoje a sociedade vive uma busca cada vez maior pela utilização dos instrumentos da TIC e não para de crescer. A escola contemporânea tem atravessado um momento de necessidade de transformação e adaptação ao processo das inovações. Podemos perceber que as escolas particulares estão um passo à frente, pois os pais acabam exigindo isso para prepararem melhor os seus filhos para a competição do mercado. Entretanto, não é o mesmo que vemos nas escolas públicas, onde só encontramos na maioria das vezes equipamentos básicos como televisão, dvd e as vezes uma sala com computadores.

Dentro dessa situação, o desafio que nos é posto está relacionado à necessidade que temos de refletir sobre como utilizar esses equipamentos sob uma perspectiva de avanço e progresso com o desenvolvimento educacional.

É nesse contexto que, dentre tantos educadores, encontramos os (as) professores (as) da primeira etapa do Ensino Fundamental I, que hoje não utiliza apenas o livro como ferramenta, mas que precisa saber operacionalizar esses aparatos tecnológicos, utilizando-os pedagogicamente num processo de formação crítica. A esse profissional se requer uma análise reflexiva sobre os caminhos que a escola deve tomar e sobre a postura que o professor precisa assumir. Consideramos esses pontos serem muito importantes pois, a escola básica é fundamental no que diz respeito a uma proliferação do processo de conscientização e ou alienação da perspectiva da sociedade em que está inserido. É na escola que professores e alunos devem buscar as possibilidades que a informática traz como forma de abrir novas perspectivas diante das exigências provocadas pelo atual momento.

Temos percebido que neste contexto, a maioria das pessoas, principalmente crianças e adolescentes têm se relacionado e interagido com maior frequência no que diz respeito ao uso das tecnologias. Isto se dá pelo fato da necessidade de informações rápidas e a conectividade com o mundo. O interesse é verificar como os educadores têm utilizado esse mecanismo, e se tem utilizado, em sua prática docente como professor alfabetizador. Outro fator importante é saber se os espaços escolares estão devidamente equipados para atender a essa nova demanda.

Neste sentido, apreendemos que

Não basta introduzir equipamentos e recursos tecnológicos na escola para que os professores reflitam e alterem suas práticas. É justamente o movimento oposto que precisa ocorrer: é necessário que os professores reflitam e revejam sua prática e, sentindo a necessidade, reclamem a sua presença. Além disso, é mais importante a maneira como a tecnologia é utilizada do que simplesmente estar disponível na sala de aula ou na escola, pois como qualquer coisa, o valor da tecnologia na Educação é derivado inteiramente da sua aplicação (HEIDE e STILBORNE, 2000 *Apud* ALMEIDA, 2006, p.10).

Saber isto é importante para entender em quais condições, formas e possibilidades estão sendo dadas para trabalho do professor na relação ao uso das tecnologias e na ampliação dos conhecimentos dos alunos. Almeida (2006, p. 11) fala que “esses profissionais podem ser criticados por não se inteirarem dessas possibilidades, por se apropriarem muito lentamente ou, de outra forma, por apoderarem-se dessas tecnologias muito rapidamente”.

Considerando que o professor precisa ter uma postura crítica de seu fazer pedagógico no cotidiano, faz-se necessário que ele se utilize de aprimoramento e principalmente da pesquisa, e isso precisa acontecer desde a academia. Freire (2014, p.24) diz que “a reflexão

crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.

Assim, visualizamos a necessidade de que os cursos de formação e aprimoramento forneçam uma fundamentação mais ligada ao manuseio prático, de forma que, durante esses processos de formação o docente já perceba a necessidade de ficarem atentos às outras possibilidades de desenvolvimento do conhecimento. Para Freire (2014, p.25) “[...] quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”, gerando uma ação mais coerente com a realidade da sala de aula. Isto se percebe quando observamos suas ações em sala de aula. É perceptível a dificuldade em expor uma aula clara e objetiva para os alunos, sejam eles de qualquer faixa educacional.

A sociedade está evoluindo, e, com isso, vê-se então uma grande preocupação no que se diz respeito à formação do professor, Freire (2014, p. 28) diz que: “percebe-se, assim, a importância do papel do educador, [...] não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”, um profissional atualizado, que não transfere o conhecimento, que não habilita seus alunos a simplesmente reproduzirem o aprendido em sala. Então, ser professor significa estar inserido nessa sociedade que ultrapassa as barreiras das dificuldades, das percepções, da mesmice e dos vários avanços e principalmente os relacionados à Tecnologia da Informação e Comunicação.

No passado, muitos dos docentes encontravam no exercício da profissão, dificuldades para desenvolver e aprimorar o seu fazer pedagógico. Hoje precisamos nos atentar para tudo, pois em pleno século XXI, parece-nos que cada vez mais cedo as crianças estão mais espertas e conectadas ao mundo digital. E como diz Resende (1992), “[...] uma criança vê o que o adulto não vê. Tem olhos atentos e limpos para o espetáculo do mundo”.

Os alunos buscam coisas práticas, que se relacionem a sua vida cotidiana. O que eles mais precisam é de professores que os guiem pelo caminho do conhecimento, respeitando o saber que eles trazem de casa. Freire (2014) vai perguntar: “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina [...]?”. Dessa forma, não cabe mais ao professor uma ação isolada, é preciso que ele busque por uma prática baseada na pesquisa, na utilização de novas ferramentas, e que em sua rotina diária a consulta, o aprimoramento, esteja enraizada em seu ser, caso contrário pode ser fatal para o seu péssimo desempenho. Freire também afirma que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. (...) no meu entender, o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 2014, p.30).

Formar professores em tempos de avanço das tecnologias digitais é um grande desafio. Visto que nas universidades dentro das licenciaturas, vemos que as disciplinas que abordam a temática TIC dentro da educação são quase inexistentes. Cabe agora a conscientização da importância dessa ferramenta (TIC), fazendo da utilização dela um ato educacional emancipador. Bonila (2011, p.65) diz que vivemos um grande conflito:

[...] ou reproduzimos os velhos modelos de formação de professores, com os receituários e técnicas pré-formatados que utilizamos ao longo dos tempos e que atendem as ainda fortes características da escola transmissora, ou incorporamos as novas perspectivas abertas pelas redes digitais, tais como a criação, a inovação, a produção, a autoria, a colaboração.

O que vemos aqui, é que os docentes precisam procurar depois de sair da universidade por uma formação complementar que contemple muitas vezes o que ficou deficiente ou não foi abordado na formação inicial. É necessária a compreensão por parte das unidades de ensino da importância de elas incorporarem a discussão sobre os aspectos do contexto tecnológico atual. Enquanto isso não acontece, cabe ao professor tornar a pesquisa algo comum em seu dia a dia. Inserindo os alunos nesse processo tornando-os participantes, de modo que a eles seja dada a oportunidade de experimentar todas as formas que podemos ter para produzir os conhecimentos. Isso corroborará para seu crescimento educativo e no aprimoramento e o amadurecimento da formação do docente.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa configura-se em um estudo exploratório, a partir do qual se espera obter “familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” (GIL, 2002, p. 41). Em outras palavras, pretende-se conhecer a realidade dos professores em relação à utilização de ferramentas da tecnologia na prática pedagógica do professor alfabetizador, a partir daí, procuramos explicar essa realidade e propor possíveis melhorias e avanços no tratamento do problema.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, pautada num estudo exploratório, em que Flick (2009, p.23), nos fala que:

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de método e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção do conhecimento; e na variedade de abordagem e métodos.

Utilizamos também o questionário, pois assim como Sanchez (S.d.), acreditamos que ele “é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Assim ele nos permite de forma objetiva chegar ou atingir o objetivo geral em questão e seus objetivos específicos, todos já listados no decorrer do texto.

Os dados obtidos por meio dos questionários foram analisados qualitativamente, com base na técnica de Análise de Dados, modalidade temática, compreendendo as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e a sua interpretação. As respostas ao questionário mantêm uma forte ligação com as proposições dos professores, na medida em que eles expuseram seu ponto de vista baseados na realidade que vivenciam.

O questionário foi elaborado com treze questões abertas e fechadas. Sendo uma questão que combinou características abertas e fechadas, onde o entrevistado discorreu sobre o pedido, três questões abertas e nove fechadas. Para entender melhor sobre o tipo de questões escolhidas, Richardson (1999, p.191), vai falar que as questões fechadas são “[...] instrumentos em que as perguntas ou afirmações apresentam categorias ou alternativas de respostas fixas e preestabelecidas”, isso nos ajuda a compreender ainda que, segundo o autor, “o entrevistado responderia à alternativa que mais se ajusta às suas características, ideias ou sentimentos”.

Richardson (1999, p.192-193) ainda fala que:

Os questionários de perguntas abertas caracterizam-se por perguntas ou afirmações que levam o entrevistado a responder com frases ou orações. O pesquisador não está interessado em antecipar as respostas, deseja uma maior elaboração das opiniões do entrevistado.

Entendendo a criação e estrutura da entrevista, procuramos a escola, e no ambiente proposto, contamos com a colaboração de seis professoras regentes (02 do 1º ano, 01 do 2º ano e 03 do 3º ano). Levamos em conta, para a seleção das professoras, a experiência em sala de aula e o acesso a recursos tecnológicos disponibilizados.

Os dados obtidos a partir dos questionários foram categorizados de acordo com as respostas dos participantes. Após esse movimento, foram verificados os tópicos mais comuns no discurso dos mesmos, a fim de mostrar o que responderam, mas, além disso, tentar compreender sua concepção sobre o uso das ferramentas da TICs no processo de alfabetização.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o tema desta pesquisa que tratou das práticas pedagógicas do professor alfabetizador das séries iniciais do ensino fundamental, tendo as TICs como recurso, tentamos responder à pergunta se esta prática tem contemplado estas novas formas de informação e distribuição de conhecimento. Após a coleta de dados por meio de questionário à professores de 1º, 2º e 3º anos, feita em uma escola pública do município de Vitória - ES. Dispusemo-nos em entender pelas respostas escritas, como tem se dado a prática pedagógica para a alfabetização das crianças destas salas de aula.

Visando também através de nosso objetivo geral, investigar a presença e os possíveis usos de tecnologia na prática docente do professor alfabetizado, entender se ocorre a presença destas TICs e seus possíveis usos na prática docente do professor alfabetizador. Nos detivemos, pelo modo de confecção das perguntas do questionário, em usá-las como ponto de apoio a fim de dar respostas aos objetivos específicos pré-determinados dentro do objetivo geral.

Através das respostas identificou-se a percepção destes professores em relação às TICs, suas formas de trabalhar e como se estabelece a relação no processo de alfabetização e de que forma têm promovido interferências na prática pedagógica.

Considerando o questionário, as respostas coletadas, observou-se a unanimidade dos docentes em considerar importante as TIC's em ambiente escolar sejam como ferramenta de pesquisa, seja como apoio às atividades em sala de aula, ou até mesmo como forma de democratização do acesso à informação por parte dos alunos destes tempos pós-modernos. Esta análise nos leva à Kramer e Leite quando as autoras questionam se:

É urgente colocarmos computadores nas escolas? Crianças do século XXI estudarão em escolas do século XIX? O computador desenvolve a inteligência do aluno? As crianças gostam de trabalhar no computador? É importante formar cidadãos que saibam lidar com a tecnologia? No futuro, quem não souber inglês e informática não terá lugar no mercado de trabalho? Adultos (principalmente professores) detestam máquinas? (KRAMER;LEITE,1996, p.98).

Quando nos detivemos em olhar, mas de forma intencional as respostas, encontramos todas as indagações propostas acima nas escritas dos docentes de forma explícita e às vezes implícitas. Reconhecem todos que na realidade do mundo atual não se concebe um afastamento da didática convencional, (baseada em quadros negros, bibliotecas de acervos com livros físicos, livros didáticos oficiais ou em forma de apostilas (nas escolas privadas)) deste novo modo de se obter conhecimento e informações que são as TICs. Como lidar com coisas e atitudes de um mundo tecnológico inserido numa escola que tem seu PPP ainda arraigado na forma tradicional de trabalhar?

Percebemos, pelas respostas como que um pedido aos órgãos competentes que muito para além das instalações das salas e laboratórios de informática, está a capacitação dos docentes para que possam abstrair destes recursos em sua máxima potencialidade.

Instrumentos como os citados na pesquisa por si só não dão conta no processo ensino-aprendizagem, no entanto, como nos fala Kramer e Leite, que:

[...] fazendo uma revisão das pesquisas existentes sobre informática na educação, afirma não podermos chegar a uma conclusão generalizada sobre o impacto do computador em nenhuma área específica do ensino-aprendizagem. Os efeitos do computador são determinados, não pelo computador, mas pelas características dos alunos e professores, pela metodologia de ensino, pela organização social da turma. (COLLIS, 1988, apud KRAMER; LEITE, 1996, p.101)

Uma parece ser a preocupação de todos os respondentes: que as TICs estejam presentes no cotidiano da escola, com acesso democrático de direito a todos, mas com uso direcionado e com qualidade. As autoras acima (p.104), nos inquietam quando em seu texto vemos a pergunta que já era feita em 1996 “Quais são as coisas que educam as crianças hoje? Que objetos estão presentes na vida contemporânea? [...] Poderia o computador, assim como a fotografia ou o cinema, ser linguagem libertadora?”.

Há um desejo comum de que, pelo acesso às TICs as crianças tenham seu leque de informações ampliado em prol de sua aprendizagem. Há a liberdade pelos acessos a “sítios virtuais” ou armadilhas de retrocesso, uma vez que não se consegue controlar o que neles é postado para pesquisas?

Para criança o computador é um brinquedo? Um objeto da família? Passado, presente ou futuro? Vozes de crianças... Linguagem. Falada, escrita, pensada. Linguagem que penetra em todas as atividades humanas, carregando uma ideologia, uma história. É por meio da linguagem que o homem se faz homem... se quero conhecer a criança; se quero perceber o significado que ela dá à tecnologia... devo fazê-lo na linguagem. (KRAMER; LEITE, 1996, p.106)

Houve concordância entre os pesquisados sobre a existência de locais em ambiente escolar com acesso às TICs, prevalecendo os ambientes biblioteca e salas de informática com acesso máximo de 2 vezes por semana. Dentre instrumentos tecnológicos mais utilizados se destacaram o computador e o datashow. Concordaram também, por maioria, que propõem formas de trabalho por meio das TICs, aproveitando-se do fato, por eles respondido no questionário, que há interesse por parte das crianças nas atividades promovidas com as TICs.

Conforme abstraído das respostas, e como parte importante do resultado de investimentos para que estas tecnologias estejam disponíveis nas escolas e com acesso a todos os alunos, uma vez que estes podem não tê-las em seu convívio domiciliar, o computador aparece como o mais presente em termos de utilização em ambiente escolar.

Como citado, analisamos também que consideraram os respondentes somente as tecnologias providas e promovidas pela instituição oficial Escola, não levando em conta outros equipamentos como celulares, tablets, etc., havendo apenas por parte de uma respondente esta observação, que há um controle por parte da Escola de que equipamentos não oficiais não devam ser usados em sala de aula, em nome de uma democracia - “o uso de tecnologias tem que ser direcionado e com acesso para todos” - conforme texto da respondente.

Há um grande questionamento aí embutido, quanto à democratização das TICs que se apoia no fato de que somente a presença de instrumentos físicos de acesso a estas e de pessoas interessadas neste meio de acesso ao conhecimento e à informação não são suficientes para que se obtenha os resultados esperados. Não basta ter intencionalidade apenas, há que se

umentar a gama de possibilidades de transformar tanto o acesso às TICs quanto os usuários das mesmas a que venham a ter a potencialidade máxima alcançada e desenvolvida. O acesso tem que ter sentido conotativo libertador, reflexivo, não acesso por acesso. Conforme Freire (2014) há que se levar o discente à autonomia, a uma leitura de mundo ampliada, para além do que está posto, do comum.

[...]comecei a pensar mais criticamente no uso de computadores em escolas. Comecei a achar que estávamos no caminho errado. Afinal, percebi que o computador por trazia de mudança. Quem trazia alguma mudança éramos nós, os professores, discutindo textos de escola, de crianças. Discutindo criatividade, flexibilidade, multiplicidade, cooperatividade. Imaginação e criação. Com lápis, papel, tesoura, som, computador, cola, argila. Prazer em aprender. (KRAMER; LEITE, 1996.p. 100)

Concordamos com Kramer e Leite, quando exalta que Educação se faz com envolvimento da tecnologia com o velho modo de educar, pelo prazer em aprender, na mescla do que é moderno em cada época, com o que foi e o que será. Educação se faz não só olhando passado e presente, mas pelo devir, pelo vir a ser. Há um entendimento comum da influência e até da interferência das TICs no ambiente escolar e principalmente em sala de aula. Como enfrentar sem confrontar é o grande embate. No mundo das multiformas de se obter conhecimentos e informações, o profissional alfabetizador tem como optar em se atualizarpor meio de formação continuada em congressos, palestras, cursos, minicursos, graduações, pós-graduações, etc.

Sobre este aspecto da formação profissional ou do profissional, por comum respostas detectou-se que não há por parte do empregador este tipo de investimento nos profissionais, ou seja, os respondentes pontuaram que não têm tido acesso a este tipo de formação. Têm visto sua prática pedagógica ser alterada e pontuam que veem este processo de forma positiva. Perceberam um crescente interesse por parte dos alunos para com as propostas de trabalho pelas TICs, sentiram também que as aulas ficaram mais atrativas a estes, tanto como instrumentos de apoio ao processo ensino aprendizagem através de jogos, visitas a “sites” direcionados à alguma pesquisa escolar, etc.

Como captar as múltiplas vozes da realidade? Como equacionar as tensões entre subjetividade e objetividade? Ou melhor: como perceber a realidade como um todo na sua diversidade? Como percebê-las pelos olhos das crianças –sujeitos sociais, históricos e culturais- sem apagar as suas marcas? Como levar em consideração suas singularidades sem abrir mão da totalidade? (KRAMER; LEITE, 1996, p.106)

Concordamos com a autora, ao analisarmos as respostas ao ver sendo questionado a ausência de investimento do poder público em formação adequada e qualificada aos docentes para que se propicie ao educando do Século XXI uma escola que o perceba como também participante do processo de construção da sociedade, história e da cultura, agindo, interferindo e transformando.

A construção conjunta entre os educadores, a transversalidade curricular, as interações dos conteúdos a se trabalhar são tratadas de forma conjunta conforme dados coletados. Vê-se então um envolvimento para o desenvolvimento, visando dar o melhor suporte aos alunos por meio das TIC's. Para dar vez a tal tema, temos que ouvir a quem participa como ator direto no processo de alfabetização, foco desta pesquisa, que vem com o uso e ensino da linguagem como forma de aflorar as individualidades e as singularidades presentes no sujeito objeto de todo o trabalho desenvolvido- o aluno. Bakhtin, (1992b, p.403), nos toca ao dizer que:

Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e

estudado a título de coisa porque, como sujeito não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico.

Compreendemos assim que pela linguagem, produção exclusiva da humanidade, pelo diálogo, pela construção social e cultural por este realizada, pela entoação do que se enuncia, nas interações das relações poderá a desejada autonomia freiriana se dar. As TICs funcionam como instrumentos e apoios, as capacitações levam às transposições dos limites e possibilidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que vimos de todo este processo de pesquisa que se debruçou a partir de um questionamento sobre se as TICs estavam contempladas no processo educacional do professor alfabetizador com o objetivo de verificar se estas estavam presentes e de que forma trabalhos eram desenvolvidos por meio destas. Avançando mais especificamente dentro deste objetivo, procuramos saber de que forma estas tecnologias eram concebidas por estes profissionais a partir de um grau de relevância. Nos detivemos, também, em observar se ocorria formais intencionais de uso de equipamentos tecnológicos como recurso ao professor alfabetizador e como este percebia se as TICs interferiam de alguma forma em sua didática de alfabetização.

Com os dados coletados e analisados a luz de teorias reflexivas sobre este assunto, reconhecemos e concordamos que não se tem como manter os alunos do Século XXI com bases didáticas retrógradas ou mantenedoras de tradições. Consideramos ser necessário e urgente a adequação dos sistemas de ensino (seja público ou privado) a estas novas tecnologias, das quais as crianças são “nativas”, não só instrumentalizando estes espaços, mas promovendo e possibilitando, de forma inclusiva até, toda a estrutura educacional às TICs, não só por meio físico destes equipamentos, mas com o acesso a redes de internet, de forma a ampliar a utilidade e a utilização destes equipamentos em pesquisas educacionais, meio de acesso ao mundo digital em tempo em real e ao vivo e em cores. Este processo integrador entre as disciplinas com fim específico de desenvolvimento educacional de forma transversal e intencional promovida pela escola, com o uso das TICs tem sido ampliado, pelo interesse dos próprios alunos, como observado na pesquisa.

Esta interferência direta no processo e até na relação ensino-aprendizagem, pelas novas tecnologias foi vista de forma positiva pelos educadores. Entretanto, de forma proporcional inversa, ao mesmo tempo que se abastecem as escolas de equipamentos tecnológicos novos, visando responder as demandas do mundo pós moderno, não se tem investido no profissional educador, de forma a capacitar este sujeito ator principal do processo, reduzindo ao papel de coadjuvante. Entendemos e concordamos com os respondentes que só as TICs não dão conta de responder as demandas da Educação, mas se bem usada e de forma estruturada, por profissionais dedicados, apoiados em equipamentos de qualidade e com estrutura de apoio, resultados altamente positivos serão alcançados.

Concordamos que há que se dar autonomia, há que se elevar o dominado ao nível de informação do dominador. Deve-se investir na estrutura pedagógica, nas questões “ocultas” do ambiente escolar que não transparecem facilmente, para se garantir que democraticamente todos tenham acesso aos equipamentos, às TICs, aos meios de envio e recebimento de informações via internet. Aos empregadores compete o investimento no profissional da educação de forma a garantir a estes cursos de capacitação ao uso dos equipamentos tecnológicos, às TICs, ao acesso às redes de transmissão de dados com vistas a que suas máximas potencialidades sejam desenvolvidas.

Ao analisarmos as respostas dadas, notamos o envolvimento dos educadores mesmo diante das dificuldades enfrentadas e a forma positiva com que investem tanto no dia a dia

escolar, quanto em capacitação por conta própria, a fim de dar conta de enfrentar diariamente as demandas de uma classe de alfabetização de crianças da era digital.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Joelson Pimentel de. **Formação contínua de professores: um contexto e situações de uso de tecnologias de comunicação e informação**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola, tecnologias digitais e cinema**. UFJF, 2011.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Campinas, SP: Autores Associados. 1981.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz & Terra 2014.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S/A, 2002.
- KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (org.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas-SP: Papyrus, 1996.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. 214 p.
- NUNES, Kezia Rodrigues. **Infâncias e Educação Infantil: Redes de Sentidos produções Compartilhadas nos Currículos e Potencializadas na Pesquisa com as Crianças**. Doutorado em Educação. 227 f. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. 2012. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/2151/1/tese_6134_KEZIA%20RODRIGUES%20NUNES.pdf. Acesso: 20. Jan. 2018.
- RESENDE, Otto Lara. **Vista Cansada**. Folha de São Paulo, 1992.
- SANCHEZ, S. **Instrumentos da pesquisa qualitativa**. S.d. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ia.ufrj.br%2Fpgea%2Fconteudo%2Fconteudo-007%2FT11SF%2FSandra%2FPesquisa_Qualitativa.ppt&ei=ZNDFU5qPBtLgSATnwIHQBg&usq=AFQjCNG12I3oS1-ZNzK4QGU3K9GAT0ow.
- Recebido para publicação:** 07 de fevereiro de 2018.
Aprovado: 10 de março de 2018.